

Maria Cristina Gariglio  
UERJ - Letras

A arte narrativa exige uma história e seu narrador, que pode ser um personagem, o elemento mais comunicativo, o que há de mais vivo numa obra de ficção. A aceitação de um romance, ou de um conto, depende basicamente da aceitação do personagem pelo leitor.

O som e a fúria tem uma história detalhada apresentada em quatro seções. O romance rompe violentamente com a forma tradicional do desenrolar narrativo de histórias, o que choca o leitor. Suas quatro partes estão cronologicamente embaralhadas, e somente após o término da leitura organizamos sua desordem, seu caos temporal, e penetramos no mundo atroz da família Compson, no Sul dos Estados Unidos. Cada uma das três primeiras partes do romance pertence a um dos três irmãos Compson: Benjy, Quentin e Jason. A última parte é a visão do autor através de Dilsey, criada negra fiel à família. As datas das seções correspondem à semana da Páscoa de 1928. Para construir os acontecimentos que conduzem a esse fim-de-semana de Páscoa, Faulkner precisava de um Compson que tivesse conseguido sobreviver até aquela época. Jason e Mrs. Compson estão vivos, mas apenas Benjy pode "reter" no seu cérebro atrofiado de idiota o passado não contaminado pelo pensamento humano racional e consciente. Assim, como narrador da primeira seção do romance, ele aparece como personagem incrivelmente atuante. Entre todas as verdades apresentadas em O som e a fúria aceitamos a dele.

Entretanto, as cenas que Benjy "recorda" não

são essenciais para uma compreensão das seções seguintes. Sua seção não nos oferece qualquer possibilidade de identificação dos outros personagens ou de compreensão da história. Aí, numa forma extrema da tendência ao estranhamento, encontramos uma disposição caótica de grande parte dos fragmentos de cenas que, repetidas nas três outras partes, constituem-se no tema central do romance. E, ao reler a seção de Benjy após a leitura das outras três, o leitor aceita a realidade de um doente mental.

O som e a fúria é um livro sobre a desordem. Os temas que se esvanecem, desaparecem e reaparecem nas suas quatro seções formam um todo na mente do leitor apenas após a leitura do romance, e revelam então, em toda a sua plenitude, a decadência da família Compson. Na segunda seção, Quentin descreve os acontecimentos do seu último dia de vida e as memórias do passado na forma descontínua do fluxo-de-consciência, com Benjy. Entretanto, seu monólogo interior apresenta características não pertinentes ao de Benjy, uma vez que ele reage como adolescente romântico e inteligente às várias mudanças da realidade à sua volta. O monólogo de Quentin tem a data de sua morte por suicídio em Harvard, e seus pensamentos oferecem a maioria dos símbolos do romance.

A terceira seção do romance é o monólogo interior de Jason, estruturalmente bem diferente dos de Benjy e Quentin. Seu modelo de pensamento é lógico, e assim é a sua linguagem. Seus pensamentos são seguidos com facilidade. Ele é um egoísta inculto cuja irascibilidade esclarece uma parte do passado da família Compson: a morte do pai, a ruína da família, a castração de Benjy, a "má conduta" da irmã Caddy. No monólogo de Jason, esses acontecimentos misturam-se aos acontecimentos do dia de forma logicamente organizada. Na quarta seção do romance, Faulkner apresenta Dilsey, a criada negra, como a historiadora dos Compson. O que permanece da história da família pode ser encontrado na cozinha de Dilsey. O leitor observa que Faulkner dramatiza em Jason o homem moderno reduzido pelo capitalismo, na sua obsessão pelo dinheiro. Em Dilsey, Faulkner dramatiza sua visão dos aspectos positivos da vida e da sociedade moderna, as verdades unívocas rejeitadas pelos Compson: o amor, a compaixão, o

sacrifício.

O romance sugere mais do que diz. Por essa razão, talvez, tivesse parecido hostil a princípio. Num contexto de sofrimento humano, de debates morais, políticos e sociais muito profundos, em voga na sociedade americana de 1929, ano da Grande Depressão, críticos consideraram o romance de Faulkner, então publicado, como uma "visão meramente patológica" e afortunadamente distante dos assuntos sérios, reacionária, decadente, gótica, fascista, uma vez que não podia ser convertida em ação social. Entretanto, a exposição do fluxo da "memória" do idiota é elaborada por Faulkner de modo a estimular o posicionamento efetivo do leitor. Na repulsa dos personagens que rejeitam o comportamento de Benjy, sua simplicidade animal, sua inocência, tudo o que ele representa na sua irracionalidade, é possível verificar uma inversão dos nossos próprios valores. Assim é a "voz" de Benjy que merece consideração especial, visto ser ele um oligofrênco, desprovido desse veículo da expressão humana.

Ao manipular a "voz" de Benjy como narrador, Faulkner interfere com sua "voz" na medida em que transmite com eloquência toda a obscuridade que se agita dentro da mente torturada e torturante do idiota. A "voz" do autor se faz presente implicitamente através das normas narrativas que selecionou para arquitetar o todo.

A "voz" do autor e a "voz" do personagem, pessoas imaginadas pelo próprio leitor como porta-vozes de determinadas porções de uma obra, opõem-se à "voz" do leitor, por sua vez, proveniente da "voz mimética".

A "voz mimética", como imitação verbal, é o veículo da expressão humana possuído por um personagem, apresentando-se em três níveis: o diálogo, a narrativa e o discurso do autor. Benjy não fala. Os diálogos da sua seção no romance são os dos outros personagens que podem ser ouvidos entre si e por ele mesmo. Sua voz não é ouvida por personagem algum do romance a não ser sob a forma de choros e berros. Sua narrativa é exatamente a dos diálogos que ouve, e das ações que vê e que o afetam. O fato de ele nos transmitir esses diálogos e ações proporciona um caráter especial à sua "voz mimética", que adquire a função de permitir o posicionamento e uma interferên-

cia maior da parte do leitor.

Quanto à "voz textual", o aspecto impresso que origina significação verbal, esta permite ao autor evocar-se de interferências diretas no texto narrativo. Na seção de Benjy, por exemplo, não é necessário que Faulkner interfira verbalmente para indicar que as mudanças constantes dos tipos de letra - uma das características da "voz textual" do romance - significam transposição do tempo na mente do idiota.

Em conferência na Universidade de Virginia (1957), Faulkner explicou a razão da mudança de tipos de letras em seu romance, dizendo que teve de usar um método para indicar ao leitor que o idiota não tinha qualquer senso temporal. O autor afirma ter desejado cores diferentes, o que foi recusado pelos editores devido ao alto custo financeiro do projeto.

Quanto às variações ou ausência de uma esperada identificação do orador na seção de Benjy, elas por vezes confundem o leitor, por vezes não. Os únicos personagens imediatamente identificáveis são "Mãe" e "Pai". Várias vezes, a referência do idiota simplesmente a "ele", ou mesmo uma ausência de menção a qualquer sujeito, não nos impede de identificar imediatamente o personagem que fala, em razão das falas anteriores. Entretanto, a identificação exata dos personagens é possível apenas na sua re-leitura, após a leitura do romance inteiro. Com frequência, encontramos numa única sentença a mudança de tipos, a pontuação pouco comum, a desordem dos fragmentos e a falta contínua, esta última, característica pertinente ao fluxo-de-consciência. É esse método narrativo pelo qual o autor tenta oferecer uma citação direta do todo da consciência do idiota. É como se a mente de Benjy fosse penetrada e a descobríssemos distraída (ou atraída) por estímulos físicos que se unem numa associação livre e desordenada.

A vida da mente não tem formas, daí a necessidade de recursos formais na obra que pretende comunicá-la. Quanto ao autor, não se pode procurá-lo no personagem narrador de sua ficção. No caso de Benjy, especificamente, não podemos explicar seu discurso narrativo - de um mundo representado - transformando-o em discurso do mundo fora da ficção. A consciência do personagem Benjy chega a ser instintiva, e é através dela que assumimos nossas posições em relação aos ou-

tros personagens do romance. Segundo Barthes (S/Z), em um texto só o leitor fala. No caso de Benjy, essa afirmação evidencia-se quando percebemos serem suas comunicações projeções dos nossos valores e preconceitos. Em outras palavras, é o leitor quem fala a través de Benjy. Em O som e a fúria, Faulkner demanda intensa participação do leitor na comunicação de sua mensagem através do idiota sem interferir diretamente na voz desse mesmo narrador. Faulkner não afirma que Benjy é a mente que revela os vícios e virtudes dos outros personagens. O autor também não atribui ao idiota as funções de espelho moral, câmara oculta, ou imagem de Cristo. Na verdade, tais interpretações constituem expressões das "vozes" de cada leitor, dos críticos que as expõem.

Consideramos uma narração verossímil ou inverossímil, as opiniões de um narrador sábias ou tolas, seus julgamentos justos ou injustos. Partindo desses princípios, julgamos um narrador digno ou não de confiança. Em O som e a fúria é o idiota que se apresenta como narrador inteiramente digno de confiança, não em opiniões ou julgamentos justos, mas em suas reações, seus choros. Confiamos nele, quem sabe porque ele nos permite arquitetar nossos próprios julgamentos confiando em nós mesmos.

Em resposta a um estudante na Universidade de Virginia, Faulkner explicou o título O som e a fúria dizendo que ele se originou da seção de Benjy, tornou-se mais elástico até cobrir toda a família, na medida em que ele trabalhava o livro. É na seção de Benjy que o título torna-se precocemente elástico, uma vez que a família Compson é aí revelada através das reações do idiota. Além do mais, a importância de Benjy diante do desenrolar da história e dos valores representados pode ser interpretada como uma representação da impotência do homem diante das transformações da vida moderna.

(FAULKNER, William. O som e a fúria; trad. Fernando Nunes Rodrigues, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983)